

MEMES EM SALA DE AULA: POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA



CAMILA M. CAETANO SOUZA¹
IZANNE CARVALHO BARBOSA²

Resumo

Os memes são fenômenos virtuais da contemporaneidade representados em imagens, vídeos, textos e hashtags que alcançam repercussão massiva, principalmente entre os jovens e adolescentes da chamada “geração homo zappiens” (VEEN; VRAKING, 2009; CAIMI, 2014). Os elementos que tematizam um meme são incontáveis e contribuem na construção de discursos que expressam posicionamentos em relação a uma série de assuntos. O presente trabalho analisa as potencialidades, bem como as limitações de incorporar memes sobre assuntos históricos ao contexto da sala de aula, atuando como recurso didático no ensino de História. Acreditamos que com a devida mediação do professor, o meme possa se tornar um recurso muito útil nas aulas de História, sendo aproveitado para mobilizar reflexões atuais vinculadas a acontecimentos do passado.

Palavras-chave: Memes. Recursos Didáticos. Ensino de História.

Abstract

Memes are virtual phenomena of contemporaneity represented in images, videos, texts and hashtags that have massive repercussions, especially among young people and adolescents of the so-called “homo zappiens generation” (VEEN; VRAKING, 2009; CAIMI, 2014). The elements that make a meme thematic are countless and contribute to the construction of speeches that express positions in relation to a series of subjects. The present work analyzes the potentialities, as well as the limitations of incorporating memes about historical subjects into the context of the classroom, acting as a didactic resource in history teaching. We believe that with proper mediation by the teacher, the meme can become a very useful resource in history classes, being used to mobilize current reflections linked to past events.

Keywords: Memes. Didactic resources. History teaching.

Considerações iniciais

O presente artigo partiu de nossas observações empíricas acerca das relações entre os indivíduos, as redes sociais e as *manifestações culturais*³ que se tornaram uma das

¹ Discente da Faculdade de História, bolsista do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid/Fahist) e membro do laboratório e grupo de pesquisa iTemnp. E-mail: camilacaitano@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6412-0998>.

² Discente da Faculdade de História, bolsista do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid/Fahist) e membro do laboratório e grupo de pesquisa iTemnp. E-mail: izannecarvalho123@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7997-9853>.

³ Expressão utilizada no campo da comunicação, refere-se aos memes como expressão da cultura contemporânea. A esse respeito, ver Natália Botelho Horta (2015).



mais características na contemporaneidade, popularmente conhecidas como meme. Estes conteúdos que interagem por meio da linguagem em um ambiente virtual são compartilhados seguindo uma frequência surpreendentemente massiva, de maneira praticamente instantânea sobre os mais variados assuntos. Estas são as características primárias dos chamados memes, tema do presente artigo.

Foi da referida percepção prática que partiu a nossa necessidade de realizar este trabalho de pesquisa. A partir da observação geral sobre a variabilidade de assuntos que podem tematizar um meme, existem possibilidades da criação destes, sobre conteúdos históricos, como mostram as diversas páginas de *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*, que têm o objetivo de produzir e difundir este tipo de material. Assim, surgiram as configurações dos nossos questionamentos iniciais, tendo sido o primeiro, focado em como o acesso corriqueiro e desprezioso de tais conteúdos está contribuindo para a concepção dos jovens a respeito da História?

Aqui cabe expor que a ideia de construir essa pesquisa partiu do nosso contato com a disciplina de PCC⁴ de suas reflexões, passamos a pesquisar acerca do nosso questionamento inicial. Pudemos perceber que os memes, por serem um mecanismo que se utiliza de recursos imagéticos e textuais para abordar temas históricos, acabam influenciando a percepção dos jovens sobre História em diferentes graus, inclusive contribuindo para a construção das diferentes noções acerca da História. Percebendo-os como elementos externos à vida escolar, e com o papel tão importante, nosso foco passou a ser a análise sobre as possibilidades de cooptar esta cultura da internet como recurso didático para o ensino de História.

Este artigo, portanto, analisa os diversos elementos presentes na composição dos memes a serem explorados e vinculados ao ensino de História. O objetivo inicial foi fazer um projeto de iniciação científica para ser apresentado na *Segunda Mostra Científica do Sul e Sudeste do Pará*.⁵ No decorrer da pesquisa, optamos por seguir duas formas de abordagem. Primeiramente realizamos um levantamento bibliográfico para fazermos um alinhamento entre a) as múltiplas variedades de recursos didáticos, b) o campo da educação histórica e c) o impacto das novas tecnologias e seus derivados no ensino de História. Nessa etapa, vale ressaltar que percebemos certa dificuldade em encontrar

⁴ Práticas Curriculares Continuadas II: linguagem, literatura oralidade, mídia e novas tecnologias. Nesta disciplina, discutimos propostas de utilização de diferentes recursos didáticos no ensino-aprendizagem de história.

⁵ A pesquisa foi apresentada no segundo semestre de 2019, chegando inclusive a ser premiada na área de Ciências Humanas e Sociais.



leituras relacionadas ao tema ao qual nos propomos a analisar. E isso se deve ao fato de que se trata de algo ainda novo, especialmente na área da Educação Histórica. Deste modo, buscamos diálogos com literaturas voltadas ao tema, visando construir aproximações com pesquisadores/as que problematizam o ensino de História.

Em um segundo momento, buscamos realizar uma experiência prática para observar as possibilidades dos memes em sala de aula. Nesse sentido, desenvolvemos e aplicamos aulas-experimento, bem como um questionário qualitativo. Essa etapa foi viabilizada através vínculo com o PIBID/FAHIST⁶, do qual éramos bolsistas. Portanto toda a parte prática da pesquisa foi realizado na escola Pequeno Príncipe⁷, a qual estávamos institucionalmente vinculadas. Na ocasião, buscamos pôr em ação as atividades já pensadas anteriormente e vinculadas as leituras que tivemos acesso em nossa atuação enquanto bolsistas.

Na execução da parte prática da nossa pesquisa, utilizamos os memes como recurso cuja finalidade seria atuar como uma revisão, assim eles tinham um papel de promover interação principalmente pelo humor. Optamos por elaborar as aulas-experimento acerca dos assuntos *Guerra do Paraguai*, *Revoltas Regências*, *Ditadura Militar* e *Era Vargas* para as turmas de 8º e 9º ano respectivamente, pois precisávamos nos adequar ao conteúdo programático e à dinâmica das salas nas quais atuávamos como bolsistas.

Nossas aulas foram planejadas previamente com o objetivo de observar, primeiramente até que ponto os memes motivariam a interatividade dos alunos com os temas abordados. E mais, também queríamos saber se os memes ajudariam os estudantes a lembrar pontos dos conteúdos já vistos. Por fim, indagávamos qual a relação das interpretações dos memes apresentados com o conhecimento prévio do conteúdo abordado. Cabe destacar que precisávamos adequar os memes à realidade de cada turma, e por esta razão resolvemos produzi-los.

Também realizamos, no decorrer da pesquisa, a aplicação de um questionário na aula-experimento com o objetivo de averiguar qual a relação dos alunos com os memes. As questões, de maneira geral, buscavam saber se eles acreditam que os memes facilitam a compreensão das aulas de História, bem como entender até que ponto, segundo as percepções deles, o conhecimento prévio do assunto abordado nos memes influenciam

⁶ Projeto Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência, desenvolvido na Faculdade de História da UNIFESSPA.

⁷ E.M.E.F. M situada no município de Marabá-Pá.



em seu entendimento, e se eles acreditam que os memes contribuem na formação de opiniões sobre determinados assuntos, finalizando com um questionamento acerca do contato deles com páginas sobre memes de História nas suas redes sociais. A pesquisa foi realizada com cerca de 35 estudantes das duas turmas com idade entre 12 e 15 anos, e os resultados são fruto tanto da observação das aulas aplicadas, quanto das respostas ao questionário.

Percebe-se, ao longo da parte teórica da pesquisa acerca do uso das tecnologias e seus derivados na formação crítica dos jovens, uma variedade de noções relativas ao tema em questão. Algumas cultivavam certo pessimismo em relação ao uso da internet de modo geral. Assim, as críticas perpassam âmbitos estruturais e organizacionais, argumentando que as informações são desordenadas e expressadas em alta velocidade e em grande quantidade, gerando uma *macrocefalia informativa*⁸. Dessa forma, o processo cognitivo muitas vezes, torna-se superficial e momentâneo, tendo como consequência uma sobrecarga de dados que não se converte, necessariamente, em conhecimento, pois o tempo constantemente acelerado não promove e nem deixa espaço para reflexões sobre os variados estímulos em forma de informação, aos quais temos acesso diariamente, uma vez que, conforme Bruno Stelmach Pessi:

Nem sempre as informações levam a um processo de produção de conhecimento, já que, segundo estudos realizados por Luckesi (1996), adquirir conhecimentos não é compreender a realidade retendo informação, mas utilizando-se desta para desvendar o novo e avançar, porque quanto mais competente for o entendimento do mundo, mais satisfatória será a ação do sujeito que a detém. (PESSI, 2015, p. 938)

Assim as informações, notícias e fatos são espetacularizações sem exigir esforço intelectual, pois as pessoas “querem notícias efêmeras entre memes e selfies” (BARCELOS, 2017). Para a autora Ana Carolina Barcelos, o excesso de informações vindas de diferentes partes, de forma desorganizada e em uma velocidade quase instantânea, não agrega positividade à formação de conhecimento ou senso crítico da nossa realidade, sendo resumidas a entretenimento. Assim, percebemos que o conceito de *sociedade do espetáculo* (DEBORD, 1997) ganha novos contornos na cultura digital. Ana Carolina Barcelos, salienta ainda que:

⁸ Termo autoral que remete a uma quantidade excessiva de informações as quais se tem acesso principalmente por meio das redes social, e acaba gerando uma sobrecarga de informações, que muitas vezes não é processada de forma crítica no contexto ao qual nos referimos. O termo utilizado como inspiração foi cunhado pelo renomado Geógrafo Milton Santos, que define “Macrocefalia Urbana” como um grande fluxo populacional em áreas que não detém a devida estrutura, e por isso acabam sendo prejudicadas (SANTOS, 2004).



O uso das ferramentas digitais em nada contribui para que se tenha determinada autonomia, muito pelo contrário, a repetição e o excesso de exposição, na busca pelo entretenimento, reforçam o esvaziamento do eu e do particular, dando lugar à produção padronizada e sua ideologia (BARCELLOS, 2017, p. 11).

Partindo destas premissas, pode-se colocar os memes de História como um recurso que a espetaculariza, passando uma noção factual, ideológica e superficial da História, portanto, não agregando nada ao conhecimento histórico dos indivíduos. Porém, ao longo de nossas pesquisas para nivelamento teórico, optamos por não adotar uma visão tão fatalista acerca desse assunto, apesar de reconhecermos a relevância de tais críticas. A questão é que priorizamos uma posição objetiva sobre a realidade, reconhecendo que estas novas relações dos indivíduos com a *web* e seus mecanismos são um fato presente na vida dos jovens, e conseqüentemente dos estudantes da educação básica. Nesse sentido, Pierre Lévy, ao discutir a presença das tecnologias e suas conseqüências na sociedade contemporânea, aponta que “não se trata de avaliar seus ‘impactos’, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que exploraram as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela” (LÉVY, 1999). É essa perspectiva que adotamos em nossa abordagem.

Memes e suas possibilidades

A utilização do meme atualmente é carregada de sentido, visto que este é um fenômeno amplamente conhecido em decorrência de sua difusão generalizada. Ao se questionar sobre o que seria um meme, podemos defini-lo a partir de características imagéticas, cômicas e contextuais, considerando elementos que são “naturais” no cotidiano das redes sociais, ou mesmo um mecanismo de sátira a uma infinidade de acontecimentos, sendo eles parte de uma realidade vigente ou não. Entretanto a etimologia deste termo, “meme”, não foi uma criação da internet e de seus usuários, embora tenha adquirido uma conotação muito característica nesse espaço. A bem dizer, sua origem de fato está associada a questões etnológicas, sendo então cunhado pelo etnólogo e biólogo africano Richard Dawkins em 1976 em seu best-seller o *Gene Egoísta*.

O termo foi utilizado para fazer referência a fenômeno análogo ao papel desempenhado pelo gene no corpo humano, contudo, sob uma visão cultural. Logo, a partir de uma perspectiva etnológica, o meme seria o responsável por replicar as informações adquiridas ao longo da vida para um segundo agente que também seria



portador do dito meme. Portanto, o meme carregaria consigo a função de *Unidade replicadora*⁹, sendo fundamental em um suposto processo de transmissão cultural, que seria replicado e certamente alterado. Vejamos como ele conceitua:

O meme é uma unidade de replicação e, assim como o gene que salta de corpo para corpo carregando uma informação, o meme circula de cérebro em cérebro por meio de um processo que, de maneira ampla, pode ser chamado de imitação (DAWKINS, 2007, p. 330).

Assim, o termo meme é propositalmente parecido com o termo gene, pois a intenção do criador foi fazer uma analogia, já que a maneira que o meme da memética atua, seria parecida com a de um gene: “‘Mimeme’ provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta que soe mais ou menos como ‘gene’. Espero que meus amigos classicistas me perdoem se abreviar mimeme para meme” (DAWKINS, 2007).

Os primeiros registros desse termo no âmbito virtual são de 1998, em um site norte americano, que reunia fotos, vídeos, links e etc... que eram virais nesse período. Mas sua utilização no Brasil só se difundiu no meio virtual a partir da década de 2010, em um contexto em que redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* passaram a atuar de forma massiva na sociedade, fator que foi possibilitado pela *domesticação da internet* (HORTA, 2015). Foi nesse contexto que conteúdos imagéticos e textuais acerca de diferentes assuntos e com um forte apelo ao humor e à sátira de acontecimentos, falas, fatos e situações passaram a ser compartilhados em larga escala pelos usuários das mídias sociais. Sendo um recurso que abrange muitos aspectos e elementos, cabe aqui uma delimitação específica do que seriam os memes da internet, afinal, nem tudo que é compartilhado em larga escala configura-se como um meme, bem como nem todas as imagens e textos das redes sociais são de fato um meme. Os memes podem ter como tema qualquer acontecimento/fato, seja ele atual histórico; da realidade ou da ficção que são deliberadamente alterados para expressar uma ideia que busca gerar humor. Dessa forma Natalia Botelho Horta aponta que:

Qualquer informação poderia se tornar um meme: a fotografia de uma notícia, uma ilustração, uma frase de um vídeo publicitário, um personagem de determinado filme ou até mesmo cenas de nossas vidas cotidianas, como um retrato de um animal de estimação (HORTA, 2015, p.17).

Baseadas em Natalia Botelho Horta (2015), bem como em observações empíricas, pudemos constatar três pontos centrais que são aspectos recorrentes na maioria dos

⁹ A esse respeito ver também Natália Botelho Horta (2015)



memes¹⁰, e, portanto, os caracteriza, criando uma espécie de padrão que delimita o que vem a ser os memes da internet. O primeiro trata-se da repetição, cuja função seria se apropriar de imagens ou frases que já tenham sido anteriormente utilizadas em outro contexto pertencente tanto à vida cotidiana quanto a outros memes popularmente difundidos. É por esta razão que se nota constantemente uma variedade de memes que compartilham os mesmos traços ou ideias, proporcionando seu conhecimento prévio, e, portanto, familiaridade.

Ainda a respeito da primeira característica, a replicação também pode estar presente no ato do compartilhamento dos memes, por diferentes usuários das redes sociais, fazendo com que muitos deles viralizem. A difusão dos memes está estritamente relacionada com uma percepção de proximidade, despertando uma sensação de identificação, causada tanto pelo reconhecimento dos elementos que os compõem, quanto pelo aspecto do humor. Dessa forma, ao compartilhar um meme, o indivíduo torna-se seu coautor e, muitas vezes, o utiliza para ecoar discursos que corroboram suas ideias. Assim, o meme tem certo poder de condicionar a difusão de ideias e posicionamentos sobre determinados assuntos, como expõe Natália Botelho Horta:

A repetição no meme se articula com a recriação (paródia) de modo que essa recriação de um objeto (que podem ser entendidas como leituras desse objeto) que se repete sucessivamente conforma um meme da internet (HORTA, 2015 p.113).

Nesse sentido, a paródia torna-se o segundo elemento que define um meme. Esta prática é aplicada de forma recorrente, uma vez que sua natureza já faz parte da constituição de um meme, sobretudo tratando-se de sátiras e ironias aliadas a aspectos provedores de humor. Essa satirização está presente tanto nos fins, referentes aos discursos que o meme veicula, quanto nos meios, ou seja, nos elementos textuais e imagéticos presentes na construção do discurso. Dessa forma, convém entender que as dinâmicas de funcionamento dos memes utilizam-se de noções de humor já existentes, assimilando-as a um determinado contexto – neste caso, o histórico – que venha a fazer sentido em sua constituição factual, caso seja ali empregado. Estes elementos são utilizados analogicamente, de maneira que sejam como uma representação genérica de uma situação e/ou sentimentos que constituem uma paródia de determinado assunto, como fatos sociais, históricos, ficcionais.

¹⁰ Estes aspectos são características que constituí qualquer meme, porém quando se trata de memes sobre assuntos históricos pudemos identificar demais aspectos que são singularidade desta categoria, vamos tratar deles mais adiante.



Percebe-se que este último elemento, que dialoga diretamente com os dois primeiros já citados, é o humor. Este é uma característica recorrente que tem relação de interdependência com a paródia e a réplica. Pois o que faz a paródia é o fator considerado cômico, ao mesmo tempo em que a motivação dos autores de memes ao utilizar-se da periodização e da sátira, é alcançar o objetivo de despertar o humor. Esta relação está presente também na replicação, pois, como já mencionamos, o principal fator que leva um meme a ser replicado é a capacidade de gerar riso conforme ressalta Provine:

Também o produto do humor, o riso, é um fator social. Essa ideia tem um significado duplo: por um lado o riso é produzido a partir de interações e em um ambiente social, ou seja, precisa de dois ou mais agentes para ocorrer (PROVINE, 2001 apud LIEBEL, 2017, p.91).

Partindo das afirmações supracitadas, nosso trabalho de pesquisa se expande para a área da didática educacional da história propriamente dita, uma vez que este artigo se propõe a analisar a utilidade do meme como mecanismo de apoio aos professores no ensino de História. A partir disso, devemos compreender como as mudanças sociais, condicionadas pelas novas tecnologias estão impactando na área da Educação Histórica.

As novas perspectivas da educação histórica

Na área da educação vem ocorrendo recorrentes debates sobre “o que ensinar” e “como ensinar” na disciplina de História. Esta discussão torna-se mais importante na medida em que levamos em conta os desafios do professor em ensinar História a uma geração de jovens que têm acesso a qualquer informação de forma quase instantânea. As novas tecnologias alteraram a forma dos indivíduos se relacionarem entre si e com a educação, em um contexto no qual informações espalhadas de diferentes formas e variados assuntos ocupam um grande espaço no cotidiano.

Atualmente, o processo de ensino-aprendizagem não é um fenômeno restrito à sala de aula, uma vez que outros ambientes podem ser provedores de acessos diversos, e conseqüentemente de acúmulos informativos. Assim, podem-se perceber muitos outros nichos, nos quais os indivíduos se relacionam de maneiras não tradicionais com a informação e com a construção de aprendizado, nessa relação em que o estudante não se limita a ser um mero receptor de conhecimento, mas também atua como transmissor. Nesse contexto, o diálogo entre escola, ensino e conhecimento vem sendo fonte de reflexões de autores como Pozo e Postigo, segundo os quais:



[...] a escola já não pode proporcionar toda a informação relevante, porque esta é muito mais volátil e flexível que a própria escola, o que se pode fazer é formar os alunos para terem acesso e darem sentido à informação, proporcionando-lhes capacidades de aprendizagem que lhes permitam uma assimilação crítica da informação (POZO; POSTIGO, 2000 apud POZO, 2007, p.35).

Se por um lado estas realidades possibilitam uma democratização da informação sobre qualquer assunto, por outro, gera uma confusão entre informação e conhecimento que leva as pessoas a acreditarem que este último pode ser adquirido a um *click*, sem grandes esforços reflexivos, nesse contexto esse autor destaca que:

No entanto, para desvendar esse conhecimento, dialogar com ele e não simplesmente deixar-se invadir ou inundar por tal fluxo informativo, exigem-se maiores capacidades ou competências cognitivas dos leitores dessas novas fontes de informação, cujo principal veículo continua sendo a palavra escrita, embora não seja mais impressa (POZO, 2007, p.34).

É importante destacar que a geração atual se mantém sempre conectada, sendo inclusive chamada de *nativos digitais*¹¹. Toda essa conexão, logicamente, traz consequências a curto e longo prazo na vida desses sujeitos, logo, os reflexos do que chamamos de macrocefalia informativa chegaram ao âmbito escolar. As demandas adaptativas derivadas deste fenômeno são uma realidade, não só relacionadas às formas de se absorver, armazenar e expressar o que se aprende, mas também nas formas de transpor, exibir e construir o conhecimento requerido pelas grades curriculares, partindo não só das experiências práticas do educando, mas de seus hábitos e habilidades, que, nesse contexto, estarão vinculadas, deliberadamente, à tecnologia de alguma forma.

A chamada geração *Homo-zappiens*¹² pensa, atua, vive e aprende de uma forma completamente distinta da geração anterior, ou analógica, quando a realização de uma tarefa por vez era uma prática valorizada, visando à qualidade do desenvolvimento da mesma. Entretanto, segundo os pesquisadores norte-americanos Wim Veen e Ben Wrakking (2009), a nova geração *Homo-zappiens* nutre a capacidade de destinar sua atenção a diversos focos ao mesmo tempo. Para muitos, esta é uma característica negativa, contudo segundo a análise destes teóricos, estas múltiplas percepções denotam uma agilidade que pode ser útil no campo da educação.

¹¹ Marc Prensky (2001) define esses jovens como “nativos digitais”, uma vez que a tecnologia digital é a linguagem que “falamos,” e com a qual operamos desde que nascemos (CAIMI; NICOLA, 2015).

¹² Os autores que cunharam o termo “Homo zappiens”, Veen e Wrakking (2009) argumentam que há uma ascensão de uma nova geração de alunos, que atua e vive intimamente ligada a mecanismos tecnológicos, logo, suas atividades diárias são condicionadas pelo uso de novos meios digitais, tais como: celular, ipod, computador, videogame etc...CAIMI (2014) ressalta ainda a dependência que estas ferramentas podem gerar em um campo educacional, bem como suas consequências.



Na área da História, os desafios tornam-se ainda maiores, pois muitas vezes os alunos dividem os conteúdos em perspectivas antagônicas, como é o caso dos assuntos que são considerados passados, e, portanto desinteressantes, em benefício daqueles que são espetacularizados em produções midiáticas que podem ser de grande porte, como filmes e séries ou, em menor escala, como os memes. No caso dessa segunda, acrescenta-se o fato de que essas produções em pequenas escalas podem ser feitas pelo público geral detentor de algum conhecimento relacionado a certos acontecimentos históricos, para produzir entretenimento, fazendo com que, em certos casos, os jovens tenham noções acerca da história que nem sempre correspondem aos eventos e processos históricos.

Dessa forma, percebe-se o desafio do professor que precisa ensinar história de uma maneira interessante, sem cair na banalização, superficialidade e espetacularização de assuntos históricos. Nos embasamos em estudos produzidos por alguns autores especialistas¹³ na área para construirmos uma reflexão acerca da utilização de determinados elementos como recurso didático que possa contribuir no processo de ensino aprendizagem na era da cultura digital. Percebe-se que ao utilizar músicas, filmes, séries e outras produções populares, como os memes no contexto pedagógico, devemos levar em consideração que estes fatores por si só não vão abranger a complexidade do ensino de História. O que separa utilização deles de forma complexa e historicizada de uma narrativa superficial e simplória é mediação do professor. E a mesma premissa pode ser aplicada a utilização de tecnologia, e seus derivados no âmbito educacional, pois “o protagonista das novas habilidades do século XXI não é propriamente o avanço tecnológico, por mais que isto seja decisivo, é o professor. A melhor tecnologia na escola ainda é o professor” (DEMO, 2008).

Segundo as autoras Flavia Eloisa Caimi e Bárbara Nícua, “vivemos em tempo e em um tipo de sociedade em que a demanda por aprendizagem é constante e diversa, requerendo formas de aprendizado distintas das que tradicionalmente conhecemos”. Partindo de tal afirmação, notamos que esta realidade oferece oportunidades, mas também desencadeia problemas, pois se a internet for utilizada apenas como mero “repositório de informações” (CAIMI,2014) sem uma reflexão proposta, não exercerá um potencial de todo benéfico corroborando com a visão fatalista que nos deixa inertes diante de uma questão que precisa ser enfrentada de forma objetiva.

¹³ Maria Auxiliadora Schmdt; Ana Clara Urban,(2018);Carolina Alves Marques Mendes; Marcella Albaine Farias da Costa,(2016); Vínicos Liebel, (2017) Bruno Stelmach Pessi, (2015) Flavia Eloisa Caimi; Barbara Nícua (2015), Flávia Eloisa Caimi (2014)



Nesse contexto cabe destacar que as novas gerações têm uma relação hiperativa com a sala de aula de História que, em muitos casos, podem ser consideradas monótonas, pois esses alunos não se contentam mais com forma tradicional das aulas. Logo, a atenção destinada ao professor é momentânea e se dissipa rapidamente, em decorrência dos vários focos de informação aos quais estes são expostos diariamente, e o fato dos professores dividirem espaço com muitos outros aspectos que a tecnologia trouxe para o dia-a-dia do jovem, bem como outras relações sociais. As aulas de História, nos moldes tradicionais podem ser consideradas desconectadas da vida prática, portanto não captura a atenção e interesse dos educandos (CAIMI, 2014). Outro aspecto nesse processo de ensino-aprendizagem é que os estudantes querem ter papel ativo e até mesmo reivindicam o controle na construção do saber (VEEN; VRAKING, 2009). Assim, a tecnologia e seus derivados são uma forma de agregar novos elementos ao processo de ensino-aprendizagem que vá além das tradicionais aulas expositivas.

Recursos como músicas, filmes e, no nosso caso, memes podem ser uma espécie de ponte entre a vida prática do aluno e a escola, assim cumprindo dois papéis: primeiramente construindo a ligação do conhecimento escolar com o cotidiano dos jovens, a partir da criação de um vínculo; segundo, gerando interação entre os alunos por apresentar alternativa a monotonicidade por meio de diferentes elementos que proporcionem um *ensino em colaboração*¹⁴, no qual esses elementos não vão ser apenas ilustrativos, mas objetos de discussão e problematização. Cabe destacar ainda, em consonância com as reflexões desenvolvidas por Laville (2005), o papel do ensino de História na formação de uma perspectiva crítica e histórica que priorize o conhecimento promovido a partir de uma narrativa não factual que incentiva a autonomia dos educandos.

O Meme em sala de aula

Para iniciarmos as discussões voltadas especificamente aos memes empregados em sala de aula, precisamos entender algumas de suas dimensões, compreendendo também que seu caráter didático é condicionado por uma série de fatores que não se restringe apenas à mediação do professor, mas a sua produção como um todo. As características que tornam um meme singular foram sistematizadas por nós no decorrer

¹⁴ Possibilidade de construção de novas formas de ensino a partir da interação entre educadores e discentes possibilitadas pelas novas tecnologias. Ver mais em CAIMI (2014)



de nossa pesquisa através de um fluxograma¹⁵ (Imagem 01), pois compreendemos que elas não existem de forma isolada, mas que são interdependentes.

O humor, nosso primeiro elemento, como já sinalizado, é uma das características que singulariza os memes e é capaz de promover interação de forma lúdica no ambiente da sala de aula. De tal forma, o humor age como um vínculo entre questões do cotidiano e da vida prática dos estudantes com a informação ou conteúdo de História associados ao humor presente no meme. E mais. Em alguma medida, o humor pode contribuir com a fixação do conteúdo, um segundo elemento observado na nossa experiência, uma vez que por meio do riso e da descontração, é possível estabelecer uma relação de empatia com o conteúdo ou tema abordado no meme e ainda estimular a curiosidade pelo conteúdo. E mais ainda. Esses elementos, de forma associada, podem contribuir também para promover o interesse pela disciplina, que se apresenta como o terceiro elemento. Em suma, o riso, como fenômeno cultural, pode ser um desencadeador de interação, estimulando o interesse pela disciplina ao conectar o estudante a um tema que gerou conexão com os demais colegas.

As possibilidades de exploração desses materiais são igualmente amplas. Para além dos três elementos que caracterizam os memes (repetição, paródia e humor) trabalhados anteriormente, vamos pontuar outras características que notamos e merecem registros. É o caso do quarto item identificado, a “*diversidade de elementos*”, uma das marcas dos memes, que pode ser explorada, pois eles contêm uma ampla diversidade de características que podem ser mobilizadas como questões para análise. Os memes, via de regra, apresentam diversidade de imagens, formato, materialidade, recortes de tempos e espaços, sobretudo quando se fazem uso de imagens retiradas de outros contextos. Com essa reflexão, é possível, inclusive, explorar os diferentes usos de tecnologias disponíveis na experiência de tempo, além das técnicas mobilizadas pelos autores.

Nesse sentido, outra dimensão a ser explorada, nosso quinto elemento, reside na “*representação de temas históricos*”: oferecida pelos memes de conteúdos históricos ao refletir ideias por meio de expressões verbais (curtas e diretas) e imagéticas sobre conteúdos históricos, sempre fazendo uso do recurso da sátira ou ironia. Essa representação encontra-se vinculada ao sexto elemento: a “*apropriação de imagens*” presente nos memes, pois predominantemente fazem uso de imagens recortadas de

¹⁵ Este foi um recurso que utilizamos para sistematizar a interrelações entre características que observamos nos memes de História, mas cabe ressaltar que tal fluxograma não foi apresentado nas aulas-experimento.



contextos específicos que precisam ser considerados no processo de uso e análise desse material.

Ficou perceptível pela pesquisa realizada, que não cabe interpretação monolítica ou dualista sobre os memes. Pois sua pluralidade de formas e de usos requer uma “*interpretação diversa*”. E os múltiplos estímulos interpretativos configuram-se como nosso sétimo elemento, pois os memes permitem que sejam atribuídas diferentes interpretações, sobretudo devido à diversidade de suporte material em processo de construção, como também a multiplicidade de símbolos que eles podem acionar, a depender das reações que possam ser estimuladas.

Outra característica que também demonstra potencialidade a ser explorada, diz respeito à questão da “*autoria criativa*”. Por meio dessa dimensão, é possível explorar os memes destacando a capacidade de articular diferentes ideias e imagens de forma criativa, bem como ressaltar o lugar de autoria para aqueles/as que produzem os memes.

Assim, a compreensão de um meme passa pelo ato de identificar e unir os diversos elementos presentes em sua composição para, só assim, compreender o discurso que ele propaga, ou seja, um processo de interpretação básica que acontece de forma imediata, e em muitos casos utilizando um raciocínio analógico, unindo aspectos que têm alguma relação, mas não necessariamente estão conectados.



Imagem 1 – Fluxograma com o meme referente a Era Vargas/ Fonte: O Historiante [imagem]/autoral¹⁶

¹⁶ O meme retrata uma suposta confusão do “mundo” causada por Vargas, que tinha tendências autoritárias, ter se posicionado contra o totalitarismo da Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial. A imagem é da atriz Renata Sorrah interpretando a vilã Nazaré Tedesco, na novela *Senhora do destino*, exibida em 2004. Sobreposta à foto da personagem está uma equação matemática, para insinuar que o “mundo” ficou tão confuso quanto uma pessoa tentando fazer uma equação difícil. Essa imagem representa bem o que é um meme, pois reúne uma personagem de novela dos anos 2000, com equações



Cabe aqui também destacar que todas estas características apresentadas acima estão sujeitas a limitações, uma vez que o meme atua enquanto uma ferramenta que auxilia no processo de ensino-aprendizagem, mas que não o abrange em sua complexidade, nem poderia. Entretanto, tendo como exemplo o primeiro elemento constitutivo dos memes, relacionado ao humor e as consequências que o envolvem, Liebel (2017) ressalta ainda que:

Essa sensação de liberdade é prazerosa exerce um efeito diretamente no inconsciente do ridente, [...] e promove um sentimento de “gratidão” para com aquele que o faz rir. A partir daí pode-se falar em uma simpatia em relação às ideias da mensagem humorística promovida pelo riso, uma espécie de corrupção através do prazer da liberação. (LIEBEL, 2017, p. 92).

Assim, percebe-se que os memes apresentam um potencial em desenvolver os aspectos que apontamos, mas isso não significa que esses resultados serão o padrão para todos. O aluno pode perfeitamente se interessar por um meme que vincule um tema histórico de forma superficial, e nem por isso vai buscar se aprofundar naquela temática, deixando aquele interesse se perder no momento fugaz do humor, mas de maneira inconsciente guarda para si aquela noção simplória e, em muitos casos, equivocada daquele acontecimento histórico.

O ponto não é florear essas produções da internet, deixando a parte suas limitações, mas reconhecer a sua presença eminente no cotidiano e buscar compreender que, em determinado grau, justamente por suas características, os memes podem ser cooptados para o uso enquanto recurso didático. As possibilidades de se trabalhar com os memes podem variar, indo desde interações básicas geradas pelo humor, até a socializações mais complexas possibilitadas por outros aspectos, como o discurso presentes nos memes. No primeiro caso o meme está sendo utilizado de maneira essencialmente ilustrativa para apresentar o assunto que vai ser abordado na aula, já no segundo, o meme é o assunto da aula em si, que pode ser objeto de debates e problematizações devido à forma como o conteúdo foi abordado, as discussões em torno da temática do meme, etc.

Observamos a partir da aplicação das aulas-experimento que os estudantes que tinham melhor domínio dos conteúdos tiveram mais facilidade em entender os memes relacionados, o que fez com que eles interagissem mais a partir daquele meme por meio de risos, de comentários e ainda explicando o meme aos demais colegas. Traçando um

matemáticas para representar acontecimentos históricos do século passado. Na prática, esses elementos não têm vínculos entre si, mas dentro do meme, eles dialogam e constroem um discurso.



paralelo com as respostas coletadas referentes aos questionários da pesquisa realizada, pudemos observar que a maioria dos alunos apontaram que um meme ajuda na compreensão de conteúdos históricos de uma forma mais dinâmica e divertida. Evidencia-se que essa noção de História que eles apresentam é factual e simplória, e o nosso objetivo não é corroborar essa perspectiva resumindo a História a curiosidades de memes. Mas que eles podem ser um bom ponto de partida para se questionar as narrativas apresentadas.

Outro ponto que se destacou, foram as problematizações que vieram dos próprios alunos ao identificar determinadas abordagens de assuntos que foram feitos propositalmente com temas que são considerados polêmicos, buscando observar as interações dos alunos. Afinal, existem memes historicamente imprecisos e que abordam determinados temas de maneira “politicamente incorreta”. A reação observada remete a possíveis discussões que podem ser levantadas e aprofundadas em sala de aula pelo professor(a), uma vez que o questionamento de uma aluna foi voltado a questões raciais que, segundo ela, “não deveriam ser motivo de risada por se tratar de um acontecimento trágico” (Imagem 02).



Imagem 02: meme sobre a guerra do Paraguai/autoria própria/ Fonte: Google [imagem]/autoral¹⁷

Esse posicionamento partiu de apenas uma aluna, ao mesmo tempo em que a maioria dos estudantes ao responder ao questionário apontou que os memes podem

¹⁷O meme apresenta os anseios de liberdade dos negros (representados pelo apresentador Fernando Rocha), que estavam, supostamente, muito animados com a possibilidade de serem liberto, em contraposição ao imperador (representado pelo Dr. Kalil) que, supostamente, não estava contente com a possibilidade. Esta imagem foi retirada do programa matinal “Bem Estar” exibido em 2018, e se tornou um viral pela discrepância na expressão dos envolvidos.



influenciar a opinião sobre alguns assuntos. Esse foi um ponto importante para refletirmos, pois percebe-se que ao mesmo tempo em que os estudantes admitem a influência do meme devido ao caráter cômico dessas manifestações culturais, eles também não buscam refletir acerca das informações que estão consumindo. Nesse contexto, o professor tem um papel importante enquanto mediador e responsável por promover as bases necessárias de uma problematização pautada em alicerces com fundamento histórico, permitindo assim que surja um campo fértil de discussões úteis, tanto na escola quanto na vida prática e pessoal dos envolvidos.

A principal divergência das respostas foi no tocante ao contato dos alunos com páginas de memes nas suas redes sociais. Nesta questão, a maioria dos estudantes do oitavo ano respondeu que tem o hábito de curtir páginas que compartilham esse tipo de conteúdo, enquanto os estudantes do nono ano responderam que não têm esse hábito, mas que iriam procurar páginas relacionadas. Estas respostas nos revelam que, embora os estudantes tenham contato com memes de variados assuntos diariamente, e por isso estão familiarizados com as tais estruturas, suas preferências não estão relacionadas a memes sobre alguma disciplina. Ao utilizarmos o recurso proposto em sala, estaríamos estimulando não só a reflexão dentro de sala, mas, sobretudo fora dela, fator que acarretaria dúvidas e agregaria mais riqueza aos debates explorados ao longo das aulas.

Considerações finais

A geração atual processa e reproduz conhecimento de maneira específica graças aos novos mecanismos de comunicação – como os memes – que difundem informações de forma dinâmica, porém, menos organizada (CAIMI, 2014). Utilizar memes como recurso didático implica em considerar o conhecimento que os alunos trazem de sua vida prática no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, analisar os memes é imprescindível, pois se trata de uma potente ferramenta que os alunos assimilam e, muitas vezes, reproduzem em seu cotidiano sem maiores reflexões, principalmente, por conta do seu elemento de humor que estabelece um vínculo subjetivo com os indivíduos (MENDES; COSTA, 2016; LIEBEL, 2017). Mas essas mesmas características também podem proporcionar uma interatividade entre aluno, professor e conteúdo histórico, como nos foi possível observar nas aulas ministradas no Pequeno Príncipe, nas quais as interações com as turmas se deram principalmente através do humor.



Embora a utilização dos memes como recurso didático não possibilite necessariamente que o aluno abstraia um conteúdo histórico – sendo nesse caso o ponto de partida para aprofundamento dos conteúdos – tem a potencialidade de viabilizar a construção de um saber que vai muito além do conteudismo, pois cria meios para que os alunos se apropriem do pensamento crítico. Acrescenta-se que a interpretação dos memes é condicionada tanto pelos conhecimentos prévios do conteúdo histórico que eles veiculam, quanto pelas múltiplas características – como as humorísticas – que também os compõem, muitas vezes reunindo elementos distantes no tempo e no espaço. Ou seja, nesse processo há uma relação dialética, na qual o conhecimento prévio do conteúdo histórico proporciona a interpretação dos memes, ao mesmo tempo em que estar inserido na prática de veiculação de memes possibilita acesso ao conteúdo histórico.

Diante do que foi exposto, observamos que a utilização dos memes como recurso didático proporciona ao professor a possibilidade de utilizar-se de seus aspectos humorísticos, bem como de sua presença no cotidiano dos alunos e até de seu papel na difusão de informação nas redes sociais, para instigar que a turma interaja mesmo diante de conteúdos distantes de seu dia-a-dia, fornecendo ainda meios para a construção de um pensamento crítico a partir da reflexão crítica dos memes, possibilitada pela relação entre memes, conhecimento histórico e a estratégia de mediação adotada pelo professor.

Data de Submissão: 14/11/2020

Data de Aceite: 07/03/2021

Referências Bibliográficas

BARCELLOS, Ana Carolina Kastein. **O uso do smartphone e a construção de sentido.** In Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 29. Novembro, 2017, p. 05-18.

CAIMI, Flavia Eloisa; NICOLA, Barbara. **Os jovens, a aprendizagem histórica e os novos suportes de informação.** OPSIS, Catalão, v.15, n. 1, p. 60-69, 2015.

CAIMI, F. E. **Geração homo zappiens na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica.** In MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; RIBEIRO, Jayme Fernandes; CIAMBARELLA, Alessandra (Orgs.). Ensino de história: usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2014, p. 165-183



CAVALCANTI, Erinaldo. «ENSINO DE HISTÓRIA, LIVRO DIDÁTICO E FORMAÇÃO DOCENTE DE PROFESSORES DE HISTÓRIA NO BRASIL». *Enseñanza de las ciencias sociales: revista de investigación*, [enlína], 2019, Núm. 18, p. 49-61, <https://www.raco.cat/index.php/EnsenanzaCS/article/view/363102> [Consulta: 5-08-2020].

CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. A história encastelada e o ensino encurralado: reflexões sobre a formação docente dos professores de história. *Educ. rev.* [online]. 2018, vol.34, n.72, p.249-267. ISSN 1984-0411

DAWKINS, Richard. **O gene Egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DEBORD, Guy. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. *In A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEMO, Pedro. **Habilidades do século XXI**. Boletim Técnico do Senac, Rio de Janeiro, v.34, n.2, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.senac.br/bts/342/artigo-1.pdf>; Acesso em: 12 fev. 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Desafios do Ensino de História**. *Estudos dos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 21, nº 41, janeiro-junho de 2008, p. 79-93.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. Dissertação de mestrado (Pós-Graduação em Comunicação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

JUNIOR, Franco Hilário. **O pensamento Analógico Medieval**. *Medievalista online* Nº 14, Julho - Dezembro 2013.

LAVILLE, Christian. Em Educação Histórica a Memória Não Vale a Razão! *Educação em Revista*, Belo Horizonte, nº 41, p. 13-40, 2005

LOPES, Ana Helena Ribeiro Garcia de Paiva; MONTEIRO, Maria Iolanda; MILL, Daniel Ribeiro Silva. **Tecnologias Digitais no contexto escolar**: Um estudo bibliométrico sobre seus usos, suas potencialidades e fragilidades. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 8, n. 2, p. 30-43, 2014.

LIEBEL, Vinícius. **Charges**. In Rodrigues, R. (Org.). *Possibilidades de pesquisa em história*. São Paulo: Contexto, 2017, p. 83-114. MENDES, Caroline Alves Marques; COSTA, Marcella Albaine Farias da. O sequestro do imaginário e a escrita da história: o caso dos memes históricos e as recepções do nazismo. *In Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, v. 07. N. 07. Set., 2016, p. 54-70.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo, Editora 34, 1999.



PESSI, Bruno Stelmach. **O uso de internet no aprendizado de história: possibilidades e dificuldades.** Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.3, vol.2, jul/dez. 2015.

POZO, Juan Ignacio. **A Sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento.** In Revista Pátio, Agosto/Outubro, 2004, p. 34-36.

ROCHA, Helenice; RIBEIRO, Jayme Fernandes; CIAMBARELLA, Alessandra(Orgs.). **Ensino de história: usos do passado, memória e mídia.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2014, p. 165-183.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SCHMDT, Maria Auxiliadora;URBAN, Ana Clara. **Afinal, o que é Educação Histórica?.** RIBEH, v01, n01, p. 26-27, Agos-Dez, 2018.

VEEN, Wim; VRAKKING, Bem. **Homo zappiens;** educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.